



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
≡ RITA ≡

O SONHO DO BÉBÉ

Por MARIA ANTONIETA FAUSTINO FERNANDES

(Menção da Série O)

No seu bercinho de rendas,
Entre brinquedos e prendas,
O bebé adormeceu.
E o seu dormir é tam doce,
Como o de um anjo que fôsse
Dado à terra pelo Céu.

Perto dele, com carinho,
Como a pomba vela o ninho,
Olha-o a Mãe, desvelada.
Abafa o menor ruído,
Não vá ele ferir o ouvido
Da sua joia adorada.

Entretanto, em seu dormir,
Bébé começa a sorrir;
E o rostozinho rosado
Anima-se de contente.
Que sonhará? Certamente
Nalgum palácio encantado.



... Mas que foi? E' que o Bébé
Que há pouco sorria até,
Começa agora a chorar:...

—«Mamá... mamá... oh mamá...
Anh... anh... anh... anh... anh...
anh... anh...».

E a mãe, que o ouve gritar,
Acorre, que o coração
Já lhe treme de receio:

—«Que foi bebé, meu amor?»
—«Anh... anh... anh... foi o papão...
Foi o papão *pêto*, feio...
Roubou... roubou-me o tambôr...!»

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■



JORGE, O ESPARVOADO

DA TRADIÇÃO POPULAR

POR ZITA de STAEL CORREIA

da série A

Em Florença, quando se quere qualificar alguém duma estupidez crassa, basta evocar a memória proverbial de Jorge, o esparvoado.

—Olha, sabes, que mais?—grita-se ao adversário:— Ainda és mais estúpido do que Jorge, o esparvoado!

Então quem era esse Jorge, — o esparvoado, cuja tolice se tornou lendária?

Tendo baldamente recorrido a velhos provençais, posto ao facto de tudo quanto se fala e diz, resolvi escrever esta história para que os meus leitores fiquem sabendo quem era este Jorge, o esparvoado.

Jorge, o esparvoado, nasceu numa aldeola chamada Chanterainette. Era um pobre rapaz de quem toda a gente fazia troça. Um dia foram-lhe dizer que se alguma vez lhe caísse um dente lhe nasceria outro mas de galinha. O rapazinho acreditou e foi dizer à avó que agora é que era verdade ir nascer-lhe um dente de galinha.

A-pesar desta e de tantas outras parvoíces teve com quem casasse.

Um certo dia, não podendo a mulher ir à feira, disse a Jorge, o esparvoado:

—Como não posso sair de casa vai tu à feira e compra-me lá um arado mas tem cuidado

com essa cabeça; vê lá se em lugar de te darem um arado te dão um boi ou coisa parecida.

Jorge, o esparvoado, comprou o arado mas, pelo caminho, pensando na forma como a mulher, na feira anterior, tinha levado as agulhas, espetou o arado no fôro do casaco.

Ora calculem em que estado o «pobre diabo» havia de chegar a casa.

A mulher benzeu-se três vezes mas perdoou-lhe por aquela vez e disse: — Ao menos não vês que o devias trazer de rastós?

Doutra vez em que Jorge regressava do trabalho (estava muito calor) tirou a blusa para ficar mais aliviado e atirou-a para uma das cangas da burra.

Mais adiante, vendo uma blusa idêntica à dele, apanhou-a e deitou-a para onde atirara a primeira.

Mais adiante a mesma coisa e assim sucessivamente, até que, à décima terceira vez, já não a apanhou.

Chegado a casa disse à mulher: — «O' mulher vai à canga da burra e tira de lá doze blusas que encontrei no caminho.»

Mas a mulher que já tinha compreendido tudo, retorquiulhe: — Nem ao menos vês que era a tua blusa que atiravas para a canga da burra, que a canga estava rôta e que à décima terceira vez já não a apanhaste?!

SABER LER

POR

LIA ALGARVIA

(Mensão da Série C)

Um dia, á hora da sesta,
Dois rapazinheiros do povo,
Stando em amena palestra
Dizia, assim, o mais novo:

— «O' Quim, tu na tua escola,
Para aprenderes a ler,
O mestre dá-te na «tola?»

— Ora, eu queria aprender !...»



—«Não bate nada, rapaz;
Só ralha ás vezes!» — «Então,
Porque é que nos não apraz
Aprender sempre a lição?»

O meu pai, lá nos «Brazis»;
Tem, ás vezes, de escrever,
E faz-me uns tais frenesis
De as cartas não saber ler!

Inda ontem, a minha mãe,
Levou uma ao Zé da Lima,
Que, por ter partido os óculos,
Não percebeu patavina.

Foi depois ao Senhor Cura;
Não estava no Passal,
E a mãe, com grande amargura,
Voltou na mesma ao Pinhal.

Pois, então, fui-lhe dizer;
Não quero que chore mais,
Que eu hei-de aprender a ler
Como o Quim lá dos Casais.

Amanhã, vou á escola,
Falar ao «sôr» professor,
E se me der cá na «bola»,
Inda hei-de ser um doutor.

O Quim, que era bom rapaz,
Achando graça ao parceiro,
Acompanhou-o á escola,
Onde foi sempre o primeiro.

E três meses decorridos,
Já o Chico do Pinhal,
Lia as cartas sem «tremidos»
E, também, algum jornal.

E, muito contente, agora,
Diz ao senhor professor:
— «Quando o pai vier de fora,
Já eu hei-de ser doutor!»

Eu acredito, meninos;
Quem estuda com amor,
Faz milagre peregrinos
Com a ajuda do Senhor!

F I M

VIRGEM IMACULADA

Por MARGARITA

Menção da Série A

Eu tenho sôbre o meu leito,
Com a maior devoção,
Um retrato muito antigo
Da Virgem da Conceição.

E' como o Anjo da Guarda,
Que me está sempre velando;
Quer acordada ou dormindo,
Quer a brincar ou sonhando.

Oh Minha Virgem Maria,
Dai-me sempre esta alegria,
Que me está a acompanhar,

E que a minha alma purinha,
Seja sempre tão branquinha,
Qual doce luz do luar!

F I M



UM CAÇADOR DE CÁ-CÁ-RÁ-CÁ

Por OFELIA da CONCEIÇÃO SOARES BORBA

Menção da Série A

Quem não conhecia o tio Jerónimo, o homem dos sete ofícios, como lhe chamavam lá na aldeia. De tudo entendia um pouco, afirmava o pobre velhote, mas, afinal de contas, não passava dum gabarola. Um dia, meteu-se-lhe na cabeça que podia fazer-se caçador, e, se bem

o pensou, melhor o fez. De manhã cedo, ei-lo aí vai correndo montes e vales, de caçadeira ao ombro.

Depois de muito palmilhar, voltou para casa derriado, esbaforido, com as mãos a abanarem, pois a respeito de caça nem sombras dela.

Casmurro como era, a-pesar da froça que dele faziam, não desanimou.

Certa ocasião, vinha êle já de volta, muito aborrecido da sua vida, e, como sempre, mal com a caça, quando, ainda longe da povoação, encontrou um rapaz com uma lebre viva.

Parou, pôs-se a olhar para o pequeno e a ruminar. De repente, alegre-se-lhe o semblante e êle monologa: — «Espera lá... Tenho uma idéa!»

Chama o rapaz, compra-lhe a lebre, e, com um cordel, prende o animal a uma árvore.

Estregando as mãos de contente, exclama: — Agora sim! Desta vez não se rirão do tio Jerónimo!» Recua uns passos, mete a arma à cara, aponta à lebre e... pum!...

O chumbo corta o atilho e... a lebre, pernas para que te quero, sumiu-se na floresta.



F I M

UM PALHAÇO IMPROVISADO

Por ALFREDO DOS SANTOS HENRIQUES — ALQUES — (Menção da Série C)

ESTAVA no fim a tradicional e antiga feira franca, «Feira de S. Mateus», que, todos os anos e na segunda quinzena de Setembro, costuma realizar-se na capital da Beira Alta — Viseu.

Ora no recinto das diversões havia uma barraca de saltimbancos, os quais, nesse último dia de feira, davam espectáculo. O grupo, resumido mas muito apreciado, compunha-se, simplesmente de três figuras: pai, mãe e filho, este um simpático e habilíssimo rapazinho com pouco mais de doze anos.

Entre os que veem, com antecedência, comprar bilhete, nota-se um rapazinho bem trajado, por certo rico, que acaba de aprear-se duma elegante «limousine», dizendo para algem que está dentro:

— É esta, mamã, a barraca onde vou assistir à representação de que me falaram tão animadamente os meus amigos. Daqui a duas horas deve ter acabado.

— Tens, assim, tanto interesse em assistir aos trabalhos desses saltimbancos?

— Muito, mamã! Bem sabe que as minhas diversões favoritas são a ginástica e o desporto, e estou certo de que hei-de ter algo que me satisfaça.

— Pois sim, louquinho! Daqui a duas horas virei buscar-te. Adeus!

E aqui temos este nosso pequeno «gentleman» ocupado na aquisição do seu bilhete.

Como faltavam ainda alguns minutos, foi dar uma volta. Regressando daí a pouco, já impaciente, viu sair da barraca dos palhaços um cavalheiro respeitável, seguido da mulher que lhe vendera «geral» e agora tão aflita e preocupada a inquirir:



— É coisa de cuidado, sr. doutor?

— Não, mulherzinha. Faça o que lhe disse. Com oito dias de repouso, o seu rapazinho estará são e escoreito. E afastou-se lesto, certamente chamado por outras obrigações, enquanto a mulher se ficava lastimosa:

— Oito dias! Que desgraça!

Então, o homem que da porta ouvira o final da conversa, exclamou também:

— Uma semana! Mas é a ruína!... E logo hoje que contava tirar uma boa receita!...

— Toda a semana foi péssima por causa do mau tempo! — acudia a mulher. — Andamos em maré de pouca sorte!

— O culpado sou eu, — (diz com

amargura o homem) — porque com exercício demasiado ocasionei a entorse que nos rouba ao trabalho o nosso Joãozinho!...

— Se, ao menos, encontrasse um rapaz, suficientemente esperto e desenvolvido, que me ajudasse nalguns trabalhos!...

Ouvindo isto, iluminou-se de repente a fisionomia de Jorge. O seu coração bondoso abalou-se ao surgir-lhe esta ideia generosa: oferecer-se para tal. Volta pois para traz e dirige-se ao desolado homem:

— Porque não serei eu esse rapaz? Aqui me tendes! Ensina-me!

Então, o gymnasta chama a sua mulher, já um tanto animado:

— Maria! Eis um rapazinho que se oferece para substituir o nosso João! Não há tempo a perder! Dá-lhe já o fato do nosso filho!

— Mas éle comprou bilhete! É preciso trocar-lho pelo dinheiro, além da paga que no fim lhe daremos! — acode a mulher.

— No fim trataremos disso, — responde, travêso Jorge, impelindo os artistas para o interior da barraca.

Enquanto Jorge se veste e se exercita no trapézio e nas barras, com admiração do gymnasta, a mulher dêste, tendo vendido já toda a lotação, vem avisá-los de que já começam a entrar os espectadores.

Por isso Jorge e o gymnasta vão para os bastidores, combinar a pantomima de que precederiam os exercícios.

As bancadas já estão cheias. Urge começar.

Principia a representação com a entrada do saltimbanco que, fazendo-se êbrio, se vai sentar a uma mesa a ler um jornal. Passa depois um moço de recados que éle chama e a quem convida a coadjuvá-lo nalguns exercícios acrobáticos. O rapaz acode e, entre trejeitos e ditos hilariantes, vão





entretendo, entusiasmando o público com novos trabalhos, a todos os títulos valiosos.

Para os dois descansarem, chega a vez da mulher do gymnasta, que, durante uns bons quinze minutos, prende a atenção do público com interessantíssimos jogos malabares.

Segue-se, de novo, o gymnasta nas barras e no trapézio, em «saltos mortais» emocionantes e passagens difíceis de equilíbrio. Um par de cães, amestrados pela mulher, dão saltos e reviravoltas apreciáveis.

Após outros números, é o nosso Jorge quem vai trabalhar sozinho e terminar o espectáculo. Após meia dúzia de saltos pelo estrado e sobre as barras, suspende-se no trapézio onde faz várias voltas de estilo.

Nesta altura abre-se a porta e entra uma senhora que, pela sua elegância e distinção, atrai as atenções de todo o público, formado, na maior parte, de gente modesta. Jorge, que seguira o geral movimento não pode deixar de córar levemente ao reconhecer sua mãe, que em vão o procura por toda a assistência e que, só muito depois, com grande espanto, reconhece o pequeno trapézista quando este, com um salto arriscado que

arrebata a assistência, termina o número de sua exclusiva responsabilidade, freneticamente aplaudido.

— Ora aqui está Maria, um rapaz extraordinário, que arrancou do público a maior ovação de que me lem-



bro»—Exclamou o velho saltimbanco, banco.

— É certo! Sem emulação pelo nosso filho o digo. E quão gratos lhe devemos estar! Salvou-nos! Agora devemos tratar de lhe dar a paga.

— Já me esquecia!... Mas... quanto lhe daremos? Vinte escudos.

— Nós tirámos mais de quinhentos, livres de encargos. Podemos dar-lhe, cinquenta pelo menos e, ainda, oferecer-lhe igual quantia por cada vez que connosco trabalhe.

Então o gymnasta, abrindo a sacola em que metera o dinheiro e tirando 50\$00, ofereceu-os a Jorge que acabava de entrar.

— Aqui tem pelo seu trabalho, meu amiguinho, e, cada vez que nos acompanhe receberá igual quantia.

Jorge, subitamente, córando, recusou com brandura e graciosidade, enquanto sua mãe, da porta dos bastidores, lhe perguntava.

— Então, Jorge, que extravagância foi esta?

— O' mamã! — responde, abraçando-a — é que o filho destes senhores adoeceu! Precisavam de dar hoje representação, para ganharem a vida, e para isso precisavam dum rapaz que lhes substituisse o filho. Não pude resistir ao desejo de lhes prestar o meu auxilio!...

— Está bem, Jorge! Espero, contudo, que tal não hajias feito por inte-

(Continua na pag. 7)

GALERIA DE HONRA



Gastão Miguel de S. Marçal — Noel —
Premiado da Série A
no Concurso de Poesia



Maria Raquel C. de Oliveira Costa
Premiada da Série C
no Concurso de Contos



Maria Helena Fernandes Mauhin
Premiada da Série A
no Concurso de Contos

COLABORAÇÃO INFANTIL

OS REIS DOS PERÚS

Por ANA MARIA BENITO de 10 anos de idade

O rei dos Perús, um lindo animal, era muito amigo de D. Perua.

Tinham uma ninhada e viviam muito felizes. O príncipe Perú Velho era muito bom, mas, em paga, nasceu uma perua muito má.

D. Perua ralhava-lhe muito e D. Perú ficava muito zangado.

Mas ela continuava cada vez

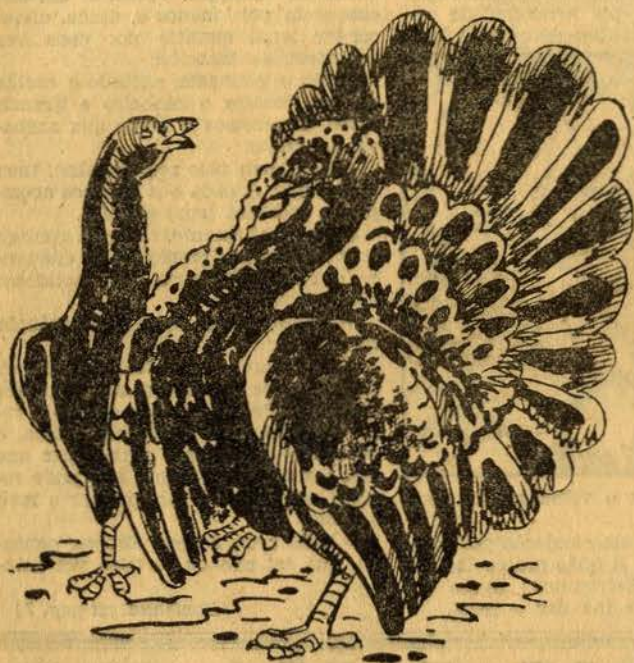
pio; picava o irmão e ralhava; fazia trinta mil por uma linha.

Um dia veio passar uma temporada a casa dos seus avós, um senhor chamado José, e trazia um cão Lobo da Alsácia, chamado «Flit».

Era um cão muito bravo e mau. D. Perua e D. Perú disseram aos filhos: Meus filhos, tenham muito cuidado com o cão



Ana Maria Benito



que é muito mau e bravo, não vá ele matá-los. Eles responderam: — «Sim mãe, sim pai...»

Mas a princesa Perua que era muito desobediente, apanhou aberta a porta da capoeira e fugiu para o jardim.

O cão, que era muito bravo, viu-a, foi a correr atrás dela e arrancou-lhe muitas penas.

Refugiou-se na capoeira e quando os pais vieram, e a viram naquele estado, ficaram muito tristes.

Ela pediu perdão aos pais e ao irmão.

Foi muito feliz pela vida fóra, porque foi boazinha e obediente.

■ FIM ■

1.º CONCURSO DE POESIAS E CONTOS INFANTIS

Alguns dos nossos classificados



Ruy Enes
da
Série A



Armindo Frazão
da
Série B



Manuel Joaquim Valventos
da
Série B



Manuel dos Santos
Figueiredo Junior
da Série B

2.º CONCURSO PARA OS MENINOS COLORIREM

DE Poesias e Contos

ENCONTRA-SE ABERTO NAS
CONDIÇÕES DO ANTERIOR

COLABORAÇÃO INFANTIL



- Andorinha:
Desenho de
João Rodrigues dos
Santos, 14 Anos, Salgueira de Magoa



ADIVINHA EXPERIENCIA FISICA



Meus meninos. Vejam se descobrem
a namorada d'êste saloito, que não se
encontra longe.



Há circunstâncias em que o gelo parece comportar-se não como um sólido mas como um líquido viscoso.

Vamos aproveitar esta situação especial de um bloco de gelo para o cortarmos ao meio por um processo simples e engenhoso.

Coloquemos um bloco de gelo sobre dois suportes, deixando um espaço entre êles. Rodeia-se o gelo com um fio de arame fino e prende-se a êste fio, por baixo do bloco, um peso grande. Ao cabo de pouco tempo vereis o fio de arame penetrar no gelo, traçar lentamente um fundo golpe e

cair, finalmente, arrastado pelo peso. E, contudo, o bloco de gelo não conserva vestígios da sua passagem. E' que a pressão do fio elevou a temperatura do gelo e fê-lo derreter-se no seu trajecto. Mas o fio passou, a pressão deixou de exercer-se e a agua da fusão gelou de novo tapando a fenda traçada pela passagem do fio.

UM PALHAÇO IMPROVISADO

(Continuação da pag. 5)

rêsse mas, apenas, impelido pelo teu bom coração.

E, dirigindo-se aos dois saltimbancos, pasmados, acrescentou:

— Como vêem, sou a mãe d'êste pequeno o qual vos auxiliou, com meu pleno agrado. A essa nota que quereis dar-lhe junto eu, por êle, esta outra de cem escudos, para que o vosso filho se restabeleça em breve.

E, com um sorriso luminoso, mãe e filho saíram da barraca, deixando mudos de espanto e comoção os dois modestos artistas, que, enquanto lá fóra a elegante «moussine» rodava, businando, correram a desafogar, rindo e chorando, sobre o leito do Joãozinho, a opressão indescritível, que as cenas verdadeiramente mirabolantes dessa tarde, lhes havia causado!

A ESMOLA DA POBRE

Por JOÃO AUGUSTO P. DE MELO FRANCO

Desenho de ADOLFO CASTAÑÉ

Menção da Série C

Nove horas. Linda manhã.
A Rosa vai para a escola,
O almoço numa cestinha,
Os livros numa sacola.

Como a mãe é pobrezinha,
O vestidinho é de chita,
Mas tão lavado e taful,
Que ela vai mesmo bonita.

Que leva para almoçar
A pobre filha de pobres?
Leva pão com azeitonas
E p'ra fruta, leva uns cobres.

Reza sempre um Padre Nosso
No Cruzeirinho da estrada,
Mas, certo dia, lá estava
Uma velhinha sentada.

Dos seus olhos levantados,
Para a cruz do Redentor,
Grossas lágrimas corriam
Pelas faces, já sem cor.

Ao ver a pobre velhinha,
Preguntou-lhe logo a Rosa:
—«O que tem, ó tiazinha,
Que está, assim, tão chorosa?»

Volveu-lhe a velha, num ai,
Pondo os seus olhos no chão:
—«Há três dias que não como...»
—«Inda bem que tenho pão!»

Foi a resposta singela
Da pequenita apressada,
E, logo, pôs o farnel
Sobre a saia esfarrapada.

—«E tu, ó minha menina,
Que vais tu comer, assim?»
—«Oh! as amoras da silva,
Mais me apetezem a mim!»

Depois de beijar as faces
Da pobre velha a tremer,
Pôs-lhe no colo o dinheiro
E desatou a correr.

Bem haja, santa pequena!
Que deste à pobre o teu pão.
E, o que tem maior valia,
Mostraste o teu coração.

E lá vai ela correndo
Pela estrada toda luz...
Fica a velhinha chorando,
E, no céu, sorri Jesus!

